

RESENHA

YERGIN, Daniel. *The New Map: Energy, Climate, and the Clash of Nations*. New York: Penguin Press, 2020, 492 pp

Jackson Bitencourt¹

Daniel Howard Yergin é um especialista com vasta experiência no segmento petrolífero e como historiador econômico estadunidense. Além de vice-presidente da IHS Markit, que é uma empresa de pesquisa de energia, é autor e coautor de diversos livros sobre energia e política internacional. Entre eles, *The Prize: The Epic Quest for Oil, Money, and Power*, que foi o vencedor do Prêmio Pulitzer de 1992. Atualmente, Yergin é diretor do Conselho de Relações Exteriores e curador sênior da Brookings Institution. Ademais, é membro do National Petroleum Council e diretor da United States Energy Association e do US-Russia Business Council.

The New Map pode ser considerado uma continuação de *The Prize: The Epic Quest for Oil, Money, and Power*, visto que atualiza e amplia análises acerca da relação entre energia e geopolítica no século XXI. Em *The New Map*, Daniel Yergin identifica os caminhos geopolíticos globais, com base em estratégias adotadas por investidores, empresas e países em relação ao mercado de energia. Em uma sociedade internacional fortemente influenciada pela disponibilidade de e pelo acesso à energia, esse desafio torna-se descomunal, uma vez que a fluidez do poder político e estratégico de atores regionais e globais tem alterado constantemente os ativos geopolíticos de cada um deles. Além dos desdobramentos derivados da pandemia de Covid-19, a globalização produtiva, a multipolaridade, as mudanças climáticas e o paulatino esboroamento da hegemonia ocidental têm gerado um emaranhado de disputas e de interesses estratégicos, o que tem tornado os mercados globais de energia mais instáveis e disputados. Desse modo, *The New Map* é fundamentado em uma hipótese principal: os mercados globais de energia foram reestruturados na última década, devido à expansão do fracking hidráulico de xisto nos Estados Unidos, o que forçou China e Rússia a redimensionar estratégias de ampliação de influência geopolítica regional e global.

¹Mestre em Geografia Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorando em Geografia Política pela Universidade de Brasília. E-mail: jackbitencourt@yahoo.com.br.

Daniel Yergin destaca, na Introdução da obra, que as reflexões derivam da mudança dos padrões de equilíbrio geopolítico entre Estados, devido às alterações de longo alcance na oferta e nos fluxos globais de energia. Por um lado, Yergin ilustra detalhadamente a história da produção de petróleo ao longo do último século; por outro lado, no entanto, apresenta escasso conhecimento, ou mesmo desdém, à importância do desenvolvimento de fontes energéticas ambientalmente sustentáveis. Acerca do impasse em relação à construção do gasoduto Dakota Access, por exemplo, ocorrido em 2016, nos EUA, afirma que os manifestantes foram “reunidos pelo grupo ambientalista Greenpeace”, embora o movimento tenha sido publicamente capitaneado por grupos indígenas que se reuniram na confluência dos rios Cannonball e Missouri, para afrontar a empresa responsável pela obra.

The New Map está estruturado em seis subdivisões: America New’s Map, Russia’s Map, China’s Map, Map of the Middle Est, Roadmap e Climate Map, além da Introdução e da Conclusão. A estrutura dessas subdivisões demonstra que os mapas de Yergin priorizam os grandes produtores e consumidores de petróleo e gás natural. Em cada subdivisão, há um capítulo que apresenta breve histórico acerca da exploração das principais fontes de hidrocarbonetos, uma caracterização da produção e do consumo atual e a construção de um cenário energético do país ou da região abordada. A compreensão acerca desses mapas ocorrerá somente se, conforme o autor, o fracking estadunidense estiver em evidência. Nas últimas décadas, o rápido incremento da produção dos EUA por meio do fracking desencadeou o aumento da oferta e a redução do preço doméstico do petróleo e do gás natural. Nesse contexto, o país tornou-se, novamente, um exportador de energia, sem depender significativamente de fornecedores estrangeiros. Nesse contexto, o novo mapa de energia do país inclui a enorme formação sedimentar Marcellus, que se estende pelos estados de Nova York, Pensilvânia, Ohio e Virgínia Ocidental; a formação Bakken, em Dakota do Norte; e diversas formações de xisto, no Novo México, Texas e Louisiana. Essa nova dinâmica da produção de hidrocarbonetos causou a expansão da influência geopolítica dos EUA, da Rússia e da Arábia Saudita, os “Três Grandes do petróleo mundial”, segundo Yergin.

O fracking de xisto produzido nos EUA reestruturou o mercado mundial de energia. Enquanto a maioria dos especialistas em energia têm afirmado, desde o início do atual milênio, que o apogeu da produção de petróleo estaria próximo e que seria seguido de uma drástica queda da oferta, Yergin afirma que esse apogeu ocorrerá somente na década de 2030.

Para ele, o principal desafio a ser enfrentado pelos mercados produtores de petróleo é encontrar demanda, visto que a oferta tende a aumentar, devido, principalmente, à produção por meio do fracking. O autor acredita que o aumento da demanda da indústria de plásticos possa compensar a queda do segmento automotivo, devido à ampliação da produção de veículos híbridos e elétricos, embora até o segmento de plásticos tenha apresentado desaceleração da demanda de petróleo nos últimos anos.

De fato, o fracking proporcionou maior poder geopolítico aos EUA. No entanto, as unidades produtoras estadunidenses são importantes quando analisadas em conjunto, uma vez que são, individualmente, pequenos e médios centros de exploração. Desse modo, é possível aceitar a tendência, de acordo com analistas citados por Yergin, de surgimento de um “domínio energético”, que tem sido ampliado devido à liderança dos EUA na produção de fracking de xisto, mas, parece precipitado atribuir um “mapa” global com base nesse segmento de exploração de petróleo e de gás natural, pois não há grandes empresas que atuam nesse setor.

Para o autor, projeções otimistas em relação à exportação de gás natural liquefeito produzido por meio do fracking de xisto têm sido esboçadas pelas dificuldades enfrentadas pelos mercados internacionais. Nem Arábia Saudita, tampouco Rússia, detém o controle da oferta e, por conseguinte, do preço vigente. Destarte, a participação dos EUA como ofertante nesse mercado competitivo proporciona maior flexibilidade às estratégias econômicas e geopolíticas das empresas de petróleo e gás natural e das autoridades nacionais, pois estimula o incremento de investimentos e a criação de empregos no âmbito doméstico, ao passo que reduz a dependência energética externa do país. No entanto, Yergin não explica as características dessas estratégias.

Sob o governo de Vladimir Putin, a Rússia retomou parte da projeção de poder global que exercera durante o período soviético. Segundo Yergin, Putin entendeu que a queda abrupta do preço internacional do petróleo na década de 1980 foi um dos fatores que desencadeou o colapso da União Soviética e, por conseguinte, passou a fazer uso dos vastos recursos energéticos disponíveis para alçar a Rússia à condição de potência regional e global. Nas últimas décadas, o país tornou-se um fornecedor essencial de gás natural, por meio de gasodutos, da União Europeia. Essa dependência energética causou, por exemplo, o arrefecimento das reações de líderes europeus contra a anexação da Crimeia pela Rússia, em

2014. No entanto, a maior assertividade europeia contra a invasão da Ucrânia em 2022 tem causado reações russas, como a redução no fornecimento de gás natural, o que tem forçado países europeus a buscar fornecedores alternativos, como Argélia, Catar e Azerbaijão.

A China, sob o comando de Xi Jinping, ampliou a influência econômica e geopolítica, principalmente, na Ásia Central e no mar do Sul da China. Para Yergin, o “novo mapa” da China, incorpora todo o Mar da China Meridional, com base na famigerada Linha de Nove Traços, os principais portos na região do Indo-Pacífico, o “Colar de Pérolas”, e ferrovias e rodovias construídas no âmbito da One Belt, One Road Initiative. Essa ascensão regional e global da China foi proporcionado pela grande oferta de carvão mineral, petróleo e gás natural; os dois últimos são fornecidos por países do Oriente Médio. Desse modo, grande parte dos recursos energéticos consumidos pela China é passa por rotas marítimas que apresentam pontos vulneráveis, como o Estreito de Malaca. Assim, Beijing tem buscado incrementar o poder naval, a fim de evitar possíveis interrupções dessas rotas, o que tem estimulado países vizinhos, como Índia, Vietnã e Japão, a desenvolver os próprios recursos navais. Portanto, a dependência energética da China tem causado uma corrida armamentista regional. Segundo ele, a fim de evitar esse processo, os EUA estariam dispostos, inclusive, a enfrentar militarmente a China.

O Oriente Médio, por sua vez, é tratado pelo autor como um “arco de confrontações” entre potências regionais: Irã e Arábia Saudita. Tanto Teerã quanto Riad têm disputado, por meio de aliados locais, a primazia geopolítica regional em Estados vizinhos, como, Iêmen, Líbano e Síria. Nesse contexto, o rápido incremento da produção doméstica de petróleo e gás natural retirou a prioridade que Oriente Médio dispunha na agenda geopolítica de Washington. Um dos desdobramentos dessa decisão é o retorno da influência da Rússia na região, o que é criticado severamente por Yergin. No entanto, o autor praticamente ignora a influência de atores de menor porte, como Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos e Turquia, no mercado internacional de energia. A restrição da oferta de gás natural russo para a União Europeia tem forçado Bruxelas a buscar novos fornecedores, principalmente no Oriente Médio.

Em relação à América Latina, o autor faz referências pontuais a Venezuela, Brasil e México. Embora esses países disponham de importantes reservas de hidrocarbonetos e de significativa e crescente produção de energia renovável, notadamente o Brasil, Daniel Yergin

não apresenta qualquer análise mais densa acerca desses aspectos. Em relação à Venezuela, o autor relaciona a queda da produção petrolífera do país ao modelo político implementado por Hugo Chávez. Brasil e México, por sua vez, são apenas elencados como exemplos comparativos de padrões empresariais distintos: o aumento da produção brasileira ocorreu devido à abertura de mercado a capitais privados, ao passo que a queda da produção mexicana resultou do protecionismo governamental. Além disso, outros importantes atores internacionais são, também, escassamente abordados ou simplesmente ignorados. Grandes mercados consumidores, como Japão e Índia, não são analisados especificadamente. Importantes petrolíferas estadunidenses, como Exxon e Chevron, não desempenham papéis relevantes na narrativa de Yergin, em detrimento da formação do mercado doméstico derivado do fracking de xisto, que é constituído, majoritariamente, de empresas de médio e de pequeno porte.

Em relação às tendências de redução de investimentos na produção de energias fósseis, que são majoritárias entre os especialistas em energia, Yergin é abertamente crítico. A produção de energia eólica e solar apresentará crescimento contínuo, mas insuficiente para substituir o petróleo, o carvão e o gás natural. Embora não negue a existência da transição para a primazia de fontes renováveis, o autor afirma que esse processo ocorrerá somente no longo prazo. Além disso, o autor ignora os avanços tecnológicos e os enormes investimentos públicos e privados que tem alavancado a capacidade de produção e de armazenamento de energias renováveis. A busca de mitigação dos efeitos das mudanças climáticas por atores internacionais não é suficiente para convencer Yergin que as taxas ambiciosas prometidas pelas metas líquidas zero serão, de fato, alcançadas. Em sua opinião, as preocupações com as mudanças climáticas ainda não são fortes o suficiente para alterar as ordens geopolíticas ou reformular os planos de desenvolvimento.

Em suma, *The New Map: Energy, Climate, and the Clash of Nations* é uma obra que apresenta um título ambicioso. No entanto, Daniel Yergin não propõe abordagens e análises suficientes para convencer leitores que disponham de conhecimentos acerca da conjuntura geopolítica e energética global que os argumentos acerca da primazia geopolítica dos hidrocarbonetos será mantida nas próximas décadas. Os argumentos elencados por Yergin evidenciam a posição de um profissional com vasta experiência em consultoria no segmento petrolífero: ceticismo exagerado em relação à transição energética global. Além disso, não

constrói um cenário global acerca da produção de energia, mas busca elencar e correlacionar estratégias implementadas por investidores, empresas e países que resultaram na conjuntura atual do mercado de hidrocarbonetos. A economia verde é entendida como uma meta subjetiva, quase idílica. Ainda que a proposta seja a ênfase no mercado global de hidrocarbonetos, a perspectiva do autor é centrada nos EUA e em países que sejam grandes produtores de petróleo e gás. A China o único grande centro de demanda discutido. Em geral, *The New Map* é oportuno para aqueles que buscam conhecer a história do petróleo e do gás natural no último século. Ademais, os Mapas de Yergin não conduzem o leitor a um cenário energético global que contemple uma transição energética factível, tampouco atores regionais, como Japão e Brasil.

Recebido em Maio de 2021

Aprovado em Junho de 2023

Publicado em Dezembro de 2023